

A pessoa negra e a violência urbana no jornal A Tarde na cidade de Salvador/BA entre 1976-1980

Esp. Adenilson da Silva Fonseca (Faculdade São Bento da Bahia)
Dnda. Ivonildes da Silva Fonseca (UFPB/PPGS-UEPB/CH)

RESUMO:

Este trabalho apresenta a investigação realizada no A Tarde, especificamente com as notícias que foram publicadas sobre a Baixa do Petróleo, região de Alagados, no bairro da Massaranduba na cidade de Salvador-BA, no período de 1976 a 1980. Após a coleta e análise das notícias, pode-se estabelecer a relação entre a população negra local e a violência urbana.

A MASSARANDUBA: UM BAIRRO NEGRO NA NEGRA SALVADOR.

A característica de Salvador ser o “berço da maior população negra do Brasil” é a mais conhecida, todavia é importante que se saiba que esta cidade é das mais desiguais. Nidecker (2004) anunciando a criação da Secretaria Municipal de Reparação, ressalta que a primeira capital do Brasil: “concentra índices alarmantes de desigualdade social entre raças e cores. Uma realidade de segregação que se arrasta desde os primórdios da colonização e tem motivado a indignação e a luta de movimentos negros que começaram a se articular nos anos 70, com o objetivo de dar voz à maioria oprimida pela minoria branca.”

O bairro da Massaranduba na parte denominada de Cidade Baixa e nesta na península de Itapagipe, da qual o vereador Zezeu Ribeiro (1988) em requerimento ressalva que Itapagipe, é uma área importante da cidade, “com uma história que passa de sua caracterização como área de veraneio, até a implantação das indústrias de transformação e estaleiros, cuja ocupação e implantação de forma desordenada, contribuiu significativamente para a poluição da Baía de Todos os Santos.” Continuando com a argumentação, explica que :

O processo da concentração industrial levou para a área um contingente populacional significativo, hoje estando com a população aproximada de 170 mil habitantes, sendo significativa a presença de áreas públicas ocupadas, inclusive áreas de maré, com favelas e palafitas que abrangem bairros de Massaranduba, Jardim Cruzeiro, Uruguai, chegando inclusive à Ribeira.

A pesquisa de Herold vem complementar a apreciação de Zezeu Ribeiro:

Na realidade, Salvador estagnou durante as primeiras quatro décadas do século XX. A vibração econômica que existiu foi devida às indústrias de cacau e de tabaco e ao comércio interno. Em 1890, Salvador ainda era a segunda maior cidade do Brasil e a quarta cidade no país com sistema telefônico mas, por volta de 1940, caiu para a quarta posição (ficando atrás do Rio, São Paulo e Recife). De fato, a população de Salvador cresceu a uma taxa anual de 1% durante 50 anos, de 1890 a 1940. Poucas indústrias novas foram estabelecidas após 1920, porque novas fábricas de produtos em substituição aos importados foram implantadas no Sudeste e no Sul, regiões mais prósperas. A cidade permaneceu como um entreposto comercial para a região, mas poucas atividades econômicas novas se desenvolveram até a decolagem movida pela Petrobrás nos finais dos anos 40. Em 1939, uma agência petrolífera do governo descobriu petróleo dentro dos limites da cidade de Salvador e o poço petrolífero Lobato começou a produzir petróleo. Por volta de 1941, quatro poços baianos produziam 230 barris por dia.

Os censos de 1940 e 1950 revelam um declínio no número de pessoas empregadas na indústria em Salvador: em 1940, havia 10.832 pessoas (3,7%) trabalhando na indústria e 9.716 pessoas

trabalhando no comércio; por volta de 1950, estes números eram de 13.682 (3,3%) e 14.279 (3,4%). (...)

Informa o autor que a cidade quase não cresceu em tamanho entre 1920-1940. Entre 1940 e 1950, mais de 57% do crescimento da população de Salvador foi devido à imigração líquida e, na próxima década (1950-60) o número teria saltado para quase 64%. A grande maioria dos que migraram para Salvador vieram de áreas rurais ao redor da cidade. Como podemos apreciar:

Nos anos 50, o fim do caminho para a maioria dos migrantes do sertão do Nordeste para Salvador foi a superpopulosa favela Alagados, construída sobre terra que se tornou utilizável jogando o lixo de Salvador na baía de Itapagipe. As favelas da periferia de Salvador - Alagados, como nos anos 1950, Lobato, Periperi, Mangueira e Nova Brasília (nos anos 60) – nasceram como resultado do crescimento econômico revitalizado, notícia que chegou ao interior traduzida como se a economia estivesse movimentando na capital, parte do padrão de “industrialização distorcida” característica do Nordeste brasileiro como em 1960. Em 1970, 40% dos trabalhadores oficialmente empregados em Salvador ganhavam menos que dois salários mínimos e 72% das famílias não tinham acesso ao sistema de esgoto (Tabela 5). Irmã Dulce, da Ordem Brasileira da Imaculada Conceição, que trabalhou nos Alagados descreveu as condições de vida de lá como sendo “pior que de animais”.

Salvador passou por duas décadas de rápido crescimento econômico, expansão demográfica significativa, explosão de fábricas nos seus dois parques industriais (Aratu e Camaçari) e crescente polarização.

Tabela 5. Um Perfil da Pobreza na Região Metropolitana de Salvador (RMS), 1970

Rendimentos mensais médios de pessoas oficialmente empregadas na RMS	Cr 383.00*
% de pessoas empregadas ganhando menos que dois salários mín. mensais (salário mín. na época de Cr\$ 144,00)**	~40 %
% de famílias sem acesso à água	52 %
% de famílias sem acesso ao sistema de esgoto	72 %
% de famílias sem eletricidade	20%
Taxa de mortalidade infantil de crianças com menos de 1 ano de idade (1973)	31.1 %

Fonte: Faria (1980: 24)

*ou US \$ 83.39 em 1970 (ou US\$ 386.59 em 2002)

**ou US \$ 31.35 em 1970 (ou US\$ 145.35 em 2002). O número de dois salários mínimos como constituindo uma linha de pobreza para uma família de cinco, foi sugerido em G. Pfefferman and R. Webb, “Pobreza e Distribuição de Renda no Brasil”, Revista Brasileira de Economia 37,2 (Abril-Junho 1983)

Na identificação das “favelas de periferia” feita por Herold encontra-se a Mangueira que é uma localidade do bairro da Massaranduba. Da mesma forma apesar de não estar citada é a Baixa do Petróleo.

Vale interrogar como era viver em uma área de Alagados e a resposta que aqui oferecemos tem como referência a Baixa do Petróleo. Viver em Alagados era (atualmente ainda há muitas

outras áreas de Alagados) “habitar” sobre a maré, o que trazia a necessidade de enfrentar as dificuldades e os perigos inerentes ao local, tais como a aprendizagem de se equilibrar para andar sobre as pedações de tábua que formavam os caminhos às casas . Eram as denominadas “pontes”. Era imperativa a sobrevivência sem infra-estrutura alguma, sobretudo energia elétrica e água potável, uma vez que havia abundância de água salgada.

As carências do local eram muitas, incluindo falta de emprego para os moradores, falta de escola para a comunidade e de outros equipamentos comunitários. Esse conjunto de fatores levava

os moradores em sua esmagadora maioria a viverem de biscates, e muitas crianças desde cedo eram levadas a participar do orçamento doméstico, participando na formação da renda da família, ora catando/reciclando lixos, ora realizando vendas de produtos, dos quais o marisco, peixes obtidos no local onde residiam ou até mendigando em outros locais. Além de tudo isso tinham que enfrentar também o preconceito racial/social construído contra os moradores do local o que trazia dificuldades no enfrentamento da luta diária e danos irreparáveis sobremaneira os psicológicos.

Dos preconceitos foram construídos estigmas dos quais o de que a localidade era violenta com seus moradores sendo tachados de “índios” e “maloqueiros”.Esse atributos dificultavam a vinda de pessoas à localidade, na condição de visitantes e impediam a vida das pessoas/moradoras nas relações afetivas, na escola e no trabalho. Acima de tudo, os moradores tinham que adquirir uma “falsa identidade”, pois não eram poucos os que escondiam que morava naquela localidade.

Além das dificuldades já citadas, vale salientar que na condição de pobre e preto, muitas vezes o trabalhador amedrontava quem poderia fornecer emprego, inclusive por conta do local onde residia que poderia determinar a sua não aceitação no mercado de trabalho. A tudo isso alia-se o fato de que morar em um bairro pobre pode levar seus moradores a carregar o estigma, seja ele trabalhador ou não, de pertencer a categoria de vagabundos e bandidos. Aliás, esta situação pode ser vislumbrada a todo instante, basta nos posicionarmos em alguns lugares freqüentados por pessoas supostamente pertencente a uma camada social com um melhor padrão de vida, que podemos observar que haverá certo distanciamento para com pessoas pertencentes a uma camada social de menor prestígio social.

Apesar de toda adversidade encontrada, a afirmação de que a violência com autoria no indivíduo é fruto da falta de emprego e da crise econômica deve ser desmontada. É evidente que esses fatores podem contribuir para a violência, mas não são determinantes. São muitas as dificuldades criadas pelo desemprego crescente, mas que não de responsabilidade dos moradores

do local. O desemprego e o subemprego faz com que o trabalhador seja afastado de qualquer assistência social promovida pelo Estado (ZALUAR, 1994 p. 33).

Morar em locais com uma predominância de pessoas pobres e negras , faz com que os seus moradores carreguem uma marca negativa do preconceito pelo fato de estar habitando na referida localidade. A pobreza local, falta de bens materiais é repassada para a constituição sócio-cultural e psicológica. Por isso encontramos comumente a justificativa popular que permite várias interpretações, mas aqui tem uma conotação de higiene doméstica e corporal: “sou pobre, mas sou limpo”. A estigmatização é fortalecida, mantida em várias situações e em documentos importantes como é o caso do jornal impresso.

A PESQUISA NO JORNAL A TARDE

Ao realizarmos uma pesquisa no A Tarde trabalhando com o recorte temporal entre os anos de 1976 a 1980 e tendo como universo de pesquisa o bairro da Massaranduba e, neste a localidade da Baixa do Petróleo coletamos 189 (cento e oitenta e nove) notícias sobre a mesma. Vale salientar que, identificamos o bairro de Massaranduba e a Baixa do Petróleo em menções, muitas vezes, vinculadas aos Alagados e a Companhia Química do Recôncavo – CQR. Fazendo a distribuição das notícias coletadas por ano tivemos 45 (quarenta e cinco) no ano de 1976; em 1977 foram coletadas 40 (quarenta); em 1978 obtivemos 32 (trinta e duas); em 1979 foram 31 (trinta e uma) e em 1980 a quantidade foi de 41 (quarenta e uma) notícias..

O quadro abaixo expõe a quantificação das notícias dentro de categorias que agruparam as matérias em:

QUADRO I – Distribuição das matérias sobre a Massaranduba/Baixa do Petróleo

Noticias	1976	1977	1978	1979	1980
Massaranduba em manchete principal	-	3	2	4	1
Massaranduba citada em outras matérias	19	6	6	7	3
Relacionadas aos Alagados	18	21	12	18	27
Violência Institucional	7	6	3	6	7
Violência relacionada ao individuo	3	6	3	6	2
Urbanização / Infra-estrutura dos Alagados	8	5	4	12	10
Ação comunitária para enfrentar / sair da violência	3	3	-	1	5
Aspectos culturais	1	2	-	-	2
Propaganda de governo	-	4	-	-	1
Envolvendo a CQR	17	2	4	-	-

Fonte: Pesquisa exploratória realizada por Adenilson da Silva Fonseca no ano de 2007.

Em relação ao quadro acima, podemos deduzir que as matérias na categoria que tem a Massaranduba aparecendo como manchete principal, na maioria das vezes mostra o bairro relacionado a questões de violência centrada no indivíduo como autor, como pode ser apreciada: “Massaranduba vive cenas de faroeste com dois menores feridos” (A TARDE , 20.07.1977).

Na categoria que tem o bairro da Massaranduba citado em outras matérias, os assuntos eram relacionados aos Alagados, a CQR e a aspectos culturais, enquanto que na categoria das notícias que versavam sobre os Alagados, comporta questões relacionadas a violências institucional/individual, urbanização, propaganda de governo e CQR.

O grupo “violência institucional” abrange as notícias que traz o poder publico se omitindo na prestação de assistência à comunidade embora essa omissão é a nossa leitura pois vem camuflada na matéria.,como por exemplo:

“Aterro vai acabar com a mariscagem” (A TARDE, 02.02.1978). Esta manchete faz alusão ao trabalho de aterro que estava sendo realizado pelo governo Roberto Santos e levanta suspeita sobre a tendência do jornal em fazer oposição ao governador em questão. Outrossim, a matéria não contemplava a qualidade de vida da população que tirava poucos rendimentos da atividade de mariscagem e ainda tinha que se equilibrar nas fundações precárias as quais sustentavam os seus barracos.

No grupo em que o individuo figura como agente direto da ação de violência, as manchetes acoplavam ao ato, adjetivos que contribuíaam ao processo de estereotipagem negativa do bairro. Primeiro, o ato em destaque também ocorria em outras localidades e não tinham o mesmo tratamento jornalístico e segundo, na localidade focada havia outras violências que foram minimizadas, a exemplo da CQR que falaremos mais adiante.

“ ‘Monstro dos Alagados’ espancou a própria mãe” (A TARDE , 23.08.1977).

O grupo com matérias que tinham por destaque a urbanização e o investimento na infra-estrutura da região de Alagados está exemplificado abaixo, sendo possível perceber a evidencia do nome da instituição em detrimento de informar o tipo de casa e de quantas pessoas seriam beneficiadas e o que era necessário para o benefício.

“A mesa entregará no fim do mês 300 casas aos moradores de Alagados” (A TARDE, 10.10.1978).

As ações comunitárias foram realizadas pelos moradores no intuito de enfrentar as adversidades a eles empregadas, e constituiu uma maneira de sair da situação em que se

encontravam em busca de melhores condições de vida. Estão relacionadas no grupo 7, e pode ser exemplificada na matéria abaixo:

-Moradores de Alagados querem opinar sobre urbanização da área (26.10.1979).

Os aspectos culturais noticiados no jornal A tarde, enfocam matérias sobre um lançamento de um livro de uma moradora, passando por uma exposição de fotografias sobre o local, enfocando um bloco carnavalesco – TENDA DE OLORUM - cujo ensaio era realizado na Massaranduba, e até a publicação de uma poesia onde o assunto está exemplificado na matéria abaixo publicada no caderno 2 do referido jornal:

“Crianças dos Alagados – poesia de Omar Carvalho “ (A TARDE ,16.10.1976).

O grupo relacionado às propagandas de governo trazia notícias com conteúdo evocando a preocupação por parte do poder público em reiterar possíveis ações realizadas no local. Vale salientar que o Governador Roberto Santos foi quem mais as utilizou:

“Alagados: um problema com solução” (A TARDE, 30.03.1977).

Já as notícias que abrangiam a (CQR), são bastante numerosas no período em que a empresa no auge de sua produção causou danos irreparáveis aos moradores de Alagados, mais especificamente aos que residiam na Baixa do Petróleo, Massaranduba. Os moradores do local sofreram muitos transtornos, inclusive devido às constantes descargas realizadas pela empresa, há registros de óbitos relacionados ao problema, e não foram poucas as vezes que os moradores da Baixa do Petróleo tiveram que ser levados ao posto de emergência:

“Morre a primeira vítima do cloro despejado pela CQR” (A TARDE ,14.08.1976).

Em 1976 as notícias veiculadas no jornal “ATARDE” sobre a região de Alagados, em um sentido amplo e abrangendo toda região, estavam relacionadas a dois acontecimentos: primeiro, à questão da urbanização do local, onde o governo do Estado da Bahia, representado na época pelo Governador Roberto Santos, buscava ou tentava, através de obras financiadas em parceria com o Governo Federal na figura do Presidente Médici, a erradicação dos Alagados, através do aterramento local. Para isso, foram destinadas grandes quantias, através de financiamento tendo o Banco Nacional da Habitação - BNH como grande investidor.

No segundo semestre daquele ano as matérias que mais marcaram foram as referentes a Companhia Química do Recôncavo - CQR instalada no bairro do Lobato, hoje local mais conhecido como subúrbio ferroviário.

Entretanto, apesar das notícias recorrentes do local, em relação à violência não foram encontrados registros que caracterizam o local como violentado pela instituição do Estado. A violência noticiada recaía sobre as pessoas individualmente, fato que tem relação com a lógica capitalista que classifica o indivíduo a partir do pertencimento a um determinado estrato social. É a lógica determinista a partir da condição de classe, ou seja, era atribuída a classe pobre a idéia de pertencerem a uma classe perigosa, uma classe que traz um certo incômodo a uma sociedade elitista predominante nesse período histórico, o que pode ser exemplificado nas notícias abaixo enunciadas:

"Bira matou um homem na Massaranduba e fugiu ajudado pela própria mãe" (A TARDE, 14/04/1979 cd. 1 p. 14).

"Caminhão de entrega da Alimba foi assaltado na Massaranduba, ontem" (JORNAL A TARDE, 20/09/1979 cd. 1 p. 14).

"Toxicômano provocou uma tragédia na Massaranduba" (JORNAL A TARDE, 21/09/1979 cd. 1 p. 14).

Outro fato que chamou atenção na comunidade da Baixa do Petróleo foi um caso de amor não correspondido, onde, após ser denunciada pelo ex-companheiro, uma mulher, moradora da Baixa do Petróleo, foi sentenciada a dois anos de prisão pela prática do crime de bigamia, fato este ocorrido logo após ser sancionada a Lei do Divórcio no ano de 1977 (A TARDE , 11/09/1977, cad. 1, pg. 15).

Vivíamos no período de dominação do governo militar, e a imprensa pouco divulgava assuntos relacionados à criminalidade, inclusive o vazamento do cloro ocorrido na indústria CQR e que levou pânico à população local, foi classificado pelo então Secretário da Segurança Pública do Estado da Bahia, coronel Luis Artur de que o pânico na Massaranduba foi psicológico, maneira utilizada por ele para minimizar o incidente que teve proporções desagradáveis para os moradores da localidade conforme trecho da matéria a seguir:

O Secretário Luis Arthur de Carvalho anunciou após reunião que as atividades da CQR foram paralisadas pela manhã, salientando que o pânico na Baixa do Petróleo e na Maçaranduba foi provocado por motivos psicológicos em vista do noticiário veiculado através de um programa de rádio (A TARDE , 14/08/1976 cd. 1 p. 3).

Vários foram os protestos de moradores neste período, solicitando do Governo do Estado providências contra a indústria, o que culminou com o fechamento da CQR pelo período de trinta dias a fim de se adequar para evitar a poluição. Segundo um ex-presidente da associação de

moradores da Baixa do Petróleo, a CQR, constituía uma ameaça para os moradores, proporcionando com a sua chegada, o que ocorreu aproximadamente em 1967, o desaparecimento dos frutos do mar, além de causar doenças na população, conforme relato de morador do local:

De lá para cá, os mariscos foram diminuindo e quase que não se pegava nenhum peixe. Antes da instalação da CQR aqui no Lobato, a gente pegava peixe de 50 quilos e muitos outros de primeira qualidade...
... chegando ao ponto de hoje 80 por cento da população de Alagados sofrer de asma e outras doenças (A Tarde , 07/10/1976, cad. 3, p.. 12).

No ano de 1977 percebe-se uma maior "preocupação" do poder público em intensificar as obras de aterro dos Alagados. Assim, as propagandas de governo veiculadas no jornal pesquisado passam a idéia de que o martírio dos moradores da localidade estava com os dias contados, conforme demonstração abaixo:

“Alagados. Este povo precisa de ajuda, não de esmola” (A TARDE, 15/03/1977, cad.1, p. 7).

"Alagados: um problema com solução" (A TARDE , 30/03/1977, cad. 1, pg. 7).

A proposta do Governo Estadual da época, tendo como representante Roberto Santos, aliado ao Governo Federal, era erradicar os Alagados em um período de sete anos, com a construção de várias casas na primeira etapa do plano de recuperação de Alagados. Vale salientar que este programa e a urgência nas obras estavam relacionados a questões políticas; era aniversário do segundo ano do governo de Roberto Santos, e as casas foram entregues inacabadas, o que gerou uma insatisfação por parte de muitos moradores que alegavam não ter condição de pagar as prestações das habitações e nem de poder concluir as obras inacabadas deixadas pelo governo; isto está evidenciado na seguinte matéria: “Alagados não querem trocar as palafitas pelas casas novas”, onde uma moradora faz a seguinte declaração:

...moço, sinceramente, eu prefiro morar aqui nesta cabana do que numa casinha dessa que eles estão fazendo. Eles entregam apenas um galpão e a gente é que tem que fazer as divisórias. Eu não tenho dinheiro para cair morta, quanto mais para construir casa. (A TARDE , 14/03/1977, cad. 1, p. 3).

A fala da moradora é exemplo da recepção de grande parcela dos moradores de Alagados demonstrando insatisfação com as mudanças prometidas, pois essas trariam ônus para eles que investiram na construção de suas casas, e com as novas moradias prometidas pelo governo do estado, teriam que pagar mensalidades, além de concluí-las, pois as mesmas eram apenas “um galpão”.

Em 1978 o cenário político nacional passa por mudanças, é o ano em que é decretado o fim do Ato Institucional Nº 5 (AI 5), evidenciando o início de uma abertura política no Governo militar. Na Bahia, emergiu a idéia desenvolvimentista e a grande novidade ficou por conta da inauguração do Pólo Petroquímico de Camaçari, que desencadeou esperanças de crescimento econômico para o estado da Bahia e ensejando na população a falsa idéia de geração de empregos e de melhoria de vida. Falsa idéia porque a Bahia não dispunha de mão-de-obra especializada para ocupar a linha de produção industrial ensejada naquele investimento, o que proporcionou à cidade de Salvador um aumento populacional em decorrência de pessoas que desembarcavam na cidade, provenientes de vários municípios do Estado da Bahia, bem como de outros Estados em busca de oportunidades nesse novo empreendimento. Enquanto isso no cenário social dos Alagados poucas mudanças ocorreram, todavia, uma das mais comemoradas foi o fim das atividades da CQR em fevereiro de 1978, após novas denúncias de poluição. É oportuna aqui a reflexão, será que a CQR foi fechada por estar prejudicando a população ou porque com o Pólo Petroquímico de Camaçari esta empresa não teria razão em permanecer em Alagados? A verdade é que os moradores de Alagados conseguiram se livrar deste problema que os atormentaram por muito tempo e que causou prejuízos que nunca foram reparados pela empresa causadora e nem foi motivo de preocupação dos poderes públicos.

A obra de urbanização continuava e a preocupação de que o aterro poderia acabar com a mariscagem ganhava destaque entre os moradores do local e passava a ser motivo de preocupação. Afinal, estava sendo comprometido um dos meios de sobrevivência de muitos moradores da região de Alagados, conforme noticiado no jornal:

“... alguns catadores já se queixam da pouca quantidade de mariscos que conseguem pegar e agora mostram-se preocupados com a possibilidade de ficarem sem ter onde tirar sua alimentação” (A TARDE , 20/02/1978 capa).

O meio de sobrevivência de muitos estava sendo destruído e a mariscagem ainda era o ganha pão para eles tendo inclusive, através de um decreto presidencial assinado pelo Presidente Ernesto Geisel no ano de 1978, a criação da profissão de marisqueira, que possibilitava a partir de então, a oportunidade do reconhecimento da profissão e a conquista de benefícios na Previdência Social, passando a ter as garantias das classes trabalhadoras.

Neste período, há um aumento relativo das notícias de Alagados na página policial do jornal *A Tarde*, mas que não caracteriza o local como violento e temido. Conforme referência anterior a violência era imputada aos sujeitos individualmente. No segundo semestre de 1978, um caso ocorrido na região de Alagados ficou várias semanas no noticiário jornalístico e que tinha

como manchete a denominação: "Monstro de Alagados" e a descrição relatando o caso do pai que mata o filho recém nascido e após ser preso e liberado, comete um novo homicídio, agora tendo como vítima o sogro, como informa o texto a seguir:

Embora queira se passar por doente mental , “ o Monstro dos Alagados” vem se comportando como um criminoso, sedento de vingança, inconformado por ter sido abandonado pela ex-companheira e desprezado por seus parentes...”(A TARDE, 26/06/1978 cad. 1 p. 14).

Em 1979 o panorama político sofreu mudanças. Assumiu a Presidência da República o general João Batista Figueiredo, no governo do Estado da Bahia assumiu Antonio Carlos Magalhães e a prefeitura da cidade de Salvador passa a ser representada por Mário Kertész. As obras de urbanização de Alagados continuam sendo realizadas, no entanto, em junho de 1979 os moradores exigem participação no processo de urbanização da área conforme notícia veiculada:

“A Amesa não dá satisfação ao povo, e isto é um desrespeito, pois só nós moradores temos condições de orientar melhor o seu trabalho, pois somos nós que sentimos o problema de perto” desabafou um morador do local (A Tarde , 26/06/1979 p.3, cad.. 1). Tendo o Governador do Estado da Bahia Antonio Carlos Magalhães, com o seu perfil populista, anunciado novo projeto de urbanização de Alagados atendendo os pedidos do povo, entretanto não divulgou com detalhes quais seriam estas mudanças, mas teceu críticas ao projeto realizado pelo governo anterior e que segundo ele culminou em gastos desnecessários. Aliás, esta foi uma maneira utilizada para minimizar ou não reconhecer o que o antecessor realizou na região.

Apesar das criticas feitas, o então governador Antonio Carlos Magalhães não poupou esforços para solicitar junto ao Banco Nacional de Habitação - BNH mais recursos para aplicar nas obras de Alagados. Vale salientar que o ano de 1979 marca a visita à região de Alagados do Presidente da República João Batista Figueiredo o que levou o local a passar por um processo de urbanização emergencial, melhor dizendo uma maquiagem, comumente utilizada quando da visita de autoridades a locais pauperizados.

Em 1980, como dissemos, diante das críticas feitas pelo então Governador do Estado, em relação ao excessivo gasto do governo anterior com as obras de Alagados, Antonio Carlos Magalhães solicitou mais verbas junto ao BNH para dar continuidade às obras de urbanização de Alagados.

Neste ano de 1980 o cenário soteropolitano é marcado pela visita do Papa João Paulo II, que marca sua passagem visitando especificamente a região de Alagados. O local mais uma vez é

“preparado” para receber a Sua Santidade, sendo construído em tempo recorde, menos de três meses, uma Igreja que recebeu o nome de Igreja de Nossa Senhora de Alagados, localizada no Alto de Santa Luzia, bairro do Uruguai. Apesar da passagem da Sua Santidade e de toda reforma emergencial realizada no local, ficou para os moradores, apenas a esperança de melhoras, pois os moradores continuaram a morar em barracos e a batalhar rotineiramente por água potável, luz elétrica e o sustento de suas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida a partir das matérias publicadas no jornal A Tarde entre os anos de 1976 a 1980 nos levou a perceber a tendência presente em estigmatizar o bairro majoritariamente negro como violento e para tanto enfatizava os delitos eventualmente cometidos por um ou outro morador. O realce aos atos delituosos sob a autoria do indivíduo era feito com o uso de substantivos e adjetivos com forte significação negativa. Contrastando, as notícias relacionadas às péssimas condições de vida em nenhum momento foram mostradas como um ato de violência e muito menos evidenciava a autoria da instituição do Estado ou de uma forte empresa – CQR- como sujeitos violentadores.

O conjunto do que foi coletado nos mostrou um jogo ideológico em que de um lado havia uma população pobre, logo perigosa e do outro lado a instituição do Estado que “investia” na área e a ineficácia das ações governamentais ficava sob a responsabilidade dos moradores – vide o depoimento de uma moradora acerca das “casas” da AMESA -. Os moradores, inclusive, segundo a apreciação do ex-Secretário de Segurança Pública, Luis Artur, frente a agressão da CQR tinham problemas psicológicos..

Por falarmos em CQR, se tivéssemos que identificar qual foi a violência mais recorrente e sistematicamente aplicada à população da Baixa do Petróleo, sem sombra de dúvidas a CQR seria apontada como uma das maiores violentadoras seja na poluição ambiental seja na depauperação da saúde daquelas pessoas negras que desde o ano de 1950 procurava sobreviver na metrópole.

Contrariando a dinâmica da vida na lógica de que o caminho é melhor a cada dia, viver na Massaranduba/Baixa do Petróleo acarreta neste século XXI características que esboçam ou afirmam a continuidade das mazelas sociais, fato que Naiara dos Santos expõe de forma crua e real. Esta estudante do curso de História delinea a sua apreciação a partir da representação que a mídia televisiva mantém acerca da Massaranduba/Baixa do Petróleo através do programa “Que venha o povo” da TV Aratu (BA), canal 4, filiada da emissora SBT.

A futura Historiadora já aguça a sua crítica com a chamada do programa que anunciava: “Solidariedade na Maré: doação de alimentos nas palafitas”. O objetivo, lembra Naiara dos Santos, era levar um pouco de esperança (segundo o repórter Uziel Bueno) àqueles “pobres coitados” que vivem nas palafitas da Baixa do Petróleo, localizada no bairro da Massaranduba, erroneamente, ressalva, identificada pelo apresentador, de Uruguai.

Com grande sensibilidade se apropria do refrão da música Comida do grupo Titãs para expressar o velho anseio das pessoas na Massaranduba: “ A gente não quer só comida/A gente quer comida/Diversão e arte/A gente não quer só comida/A gente quer saída/prá qualquer parte..”

E para finalizar são as palavras de Naiara dos Santos que indicam a saída pretendida pelos que moram na Massaranduba:

Saída da violência, do esquecimento, da falta de atenção, discriminação, desrespeito, superação dos estigmas, estereótipos, etc. (...) Não pretendo com estas palavras chocar, emocionar. Vêm da minha mais alta perplexidade, fruto de questionamentos, inquietações, conflitos, nos quais penso e re-penso habitualmente. E, principalmente, por ser filha de pais que viveram por muito anos na Massaranduba, na luta diária por uma vida melhor (e não somente por comida) e da tão esperada solução.

REFERÊNCIAS:

A TARDE 1976-1980

BAHIA. Telelista, 2005.

BRASIL. Câmara dos Deputados, v 7, p.73, 10 junho 1888. Disponível em: <<http://panoptico.wordpress.com/2008/01/15/os-suspeitos-de-sempre-e-os-jovens-de-sempre/>> Acesso em: 06 junho 2008.

BENEVIDES, Maria Victoria. **Violência, Povo e Polícia**: Violência Urbana no Noticiário de Imprensa. São Paulo: Brasiliense,1983.

BOURDIEU, Pierre. Condição de classe e posição de classe. In:_____ **Hierarquias em Classes**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

_____ O espaço social e suas transformações. In:_____. **A Distinção**. São Paulo: Edusp, 2007. p. 95- 96.

_____. O habitus e o espaço de estilos de vida. In: _____. **A Distinção**. São Paulo: Edusp, 2007. p. 162-211

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982. ,

HEROLD, Marc H. Entre o açúcar e o petróleo: Bahia e Salvador, 1920-1960. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/042rea.htm> Acesso em: 15 de setembro de 2008.

NIDECKER, Fernanda. Negros ganham voz em Salvador. Secretaria Municipal da Reparação é a primeira contra as seqüelas da discriminação racial. In: **Jornal do Brasil**, 23 de março de 2004. Disponível em: <http://www.google.com.br> Acesso em: 30 de agosto de 2008.

RIBEIRO, Zézeu. Requerimento apresentada na Câmara Municipal em 1 de julho de 1988.

SANTOS, Jânio. **Políticas Públicas e Ações Populares**: O caso de Alagados – Salvador-Ba. Rio Claro: Estudos geográficos, 2005.

SANTOS, José Eduardo Ferreira. **Novos Alagados**: histórias do povo e do lugar. São Paulo: Edusc, 2005.

_____. **Travessias**: a adolescência em Novos Alagados. São Paulo: Edusc, 2005.

SANTOS, Naiara. Somente de pão vive o homem? In: **Jornal Irohin/Irohin on line**, 7 de abril de 2008. Disponível em: www.irohin.org.br/onl/new.php?sec=news&id=3135 Acesso em: 20 de agosto de 2008

SILVA, Luis Antonio Machado da. Criminalidade Violenta: por uma nova perspectiva da análise. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, nº 13, nov.1999, p.115-124.

THOMPSON, E.P. Patrícios e Plebeus. In: _____. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das letras, 2008. p. 25-85.

_____. **Senhores e Caçadores**: a origem da lei negra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ZALUAR, Alba. **Condomínio do Diabo**. Rio de Janeiro: Revan, 1994.